

00 NOV 1988

CORREIO BRAZILENSE

Investimento em Brasília sofre queda

Brasília é uma cidade fundamentada, cada vez mais, no setor administrativo. Que o digam as empresas e indústrias locais que, além de serem poucas, antes dependiam basicamente de serviços encomendados pela área governamental. Apesar de não mostrá-los reflexos reais na economia, a grande redução dos investimentos do Estado na iniciativa privada tem deixado vários setores de mãos vazias.

O setor de asseio e conservação, por exemplo, estimou um crescimento de 8 por cento para este ano e até o momento não conseguiu deixar um registro de crescimento negativo em função do movimento da própria economia do País, justifica o presidente do Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação de Brasília, Eunício Lopes. O setor engloba uma vasta área de atuação: serviços gerais, transportes de malote e de valores, vigilância, limpeza, reformas e manutenção.

Dentro da área pública, só mesmo os serviços essenciais é que não estão sendo cortados. "Nossa parte de reformas de manutenção elétrica está totalmente achatada. Alguns órgãos pensam em simplesmente abandonar tudo o que se refere à manutenção", explica Eunício. Uma esperança para o setor, diz o presidente do sindicato, é que a limpeza urbana e a coleta de lixo de Brasília sejam privatizadas já que Brasília é uma das poucas capitais brasileiras que ainda destina estes serviços a uma empresa pública. Com esta conquista, sobraria uma nova fatia de serviços a serem prestados.

Hoje o que acontece com as obras da construção civil, um dos setores mais afetados com o corte dos investimentos do Estado, é um desaquecimento gradual, acredita o secretário-executivo da Associação Comercial e Industrial de Taguatinga, Célio Gomes Aguiar. "Como as obras são demoradas, quando falta dinheiro o ritmo diminui e a conclusão se arrasta", afirma. O jeito, acredita, é buscar as empresas privadas envolvidas com grandes empreendimentos imobiliários e, mesmo estes, estão em processo de diminuição atualmente.

SEM LUCROS

Mas a crise não atinge somente as empresas que possuem — ou possuíram — sua vida econômica ligada ao Estado. Para se ter uma ideia de como acontece o desligamento de uma empresa com o Governo, a Pró-Jardim Empreiteira de Obras Ltda ilustra um caso. Em 1986, a empresa fazia 70 por cento de seus serviços junto à administração pública mas logo em 1987 não conseguiu nenhuma obra com o Governo.

"Este ano tenho menos de 20 por cento de meus negócios ligados ao Governo. Mesmo assim não fiz nenhum contrato com o GDF, aliás,

nem as empresas que ganharam as concorrências conseguiram fechar negócio ainda", diz Bertolino Bispo dos Santos, diretor-presidente da empresa. Seu vínculo com o poder público acontece através da conservação da Universidade de Brasília, com quem mantém contrato há dois anos.